

Outra jovem homossexual: Os ciúmes apaixonados

Introdução

O objetivo de nosso trabalho é refletir sobre a dinâmica dos ciúmes como paixão, sua apresentação clínica e a abordagem terapêutica.

Para nossa conceitualização, revisaremos as ideias de autores fundamentais da literatura psicanalítica, tais como Freud, Klein e outros.

Temos interesse em colocar em evidência o padecimento implicado na situação passional e as complexidades que isso implica no campo das transferências recíprocas. Para ilustrar, apresentamos a vinheta clínica de uma jovem paciente homossexual, descrevendo os avatares da relação amorosa com sua companheira.

A paixão a partir de uma perspectiva freudiana

Começaremos este ponto com uma digressão, esclarecendo que a partir da perspectiva filosófica, segundo expressa Ferrater Mora (1965), a paixão¹ é conceitualizada como uma categoria aristotélica², comparável a uma *afecção*, cujo par antitético é a *ação*. Assim, é possível entender a paixão como um afeto que transborda por insuficiência ou ineficácia de uma ação específica.

Para a filosofia não é simples distinguir o que singulariza a *emoção* em relação ao *sentimento* ou à *paixão*, uma vez que em qualquer dos três termos subjaz a noção de uma agitação do ânimo. De fato, muito do que se diz sobre algum desses conceitos é aplicável também aos outros.

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

1. *Paixão* (πάσχειν: /paschein/) deriva do indo-europeu *pati*: "padecer". Vocábulos relacionados são *paciência*, *passivo*, *compaixão*.

2. As categorias aristotélicas aludem a: 1) Substância: (substantivo) 2) Quantidade 3) Qualidade (adjetivo) 4) Relação: *dobro* ou *maior que...* 5) Lugar 6) Tempo 7) Posição: como *sentado* ou *deitado* 8) Possessão: como *abrigado* ou *desabrigado* 9) Ação: como *ataca* ou *ama* 10) Paixão: como é *atacado* ou é *amado*. Note-se que estas duas últimas categorias apresentam uma relação antagônica entre si.



Svayambhu, 2007
Wax and oil-based paint
Dimensions variable
©Anish Kapoor. All rights reserved DACS/SAVA 2020

Vemos assim que, tal como ocorre com o conceito de inconsciente, que é precisado a partir da psicanálise e não da filosofia, também com a teoria dos afetos (entre eles, os afetos sem moderação: as paixões) se alcança uma compreensão mais abrangente e profunda com a inclusão dos enunciados freudianos.

A conceitualização psicanalítica permite advertir que o afeto é um processo de descarga, cuja configuração mista, somática e representacional, constitui uma espécie de imagem em espelho do esquema da pulsão.

A meta da pulsão é conseguir o cancelamento da tensão de necessidade na fonte corporal e alcançar a realização de um desejo. É consabido que a conquista completa desta meta é impossível, motivo pelo qual o *quantum* remanescente de investimento é descarregado através de uma via alternativa. É o que conhecemos como afeto.

Enquanto a estrutura do afeto é mista, os efeitos desta descarga se verificam tanto no aspecto corporal (no nível motor ou secretório) como no aspecto representativo e comunicacional.

Tal como ocorre em toda formação de compromisso, a maior permeabilidade rumo à consciência – ou, dito de outra forma, a maior ligação com representações palavra – permite que uma frustração seja melhor tolerada, por exemplo, no caso de que alguém possa falar sobre seus sentimentos de insatisfação.

Quando o fator quantitativo e eventualmente a não conscientização da frustração é maior, é possível notar um compromisso no aspecto corporal. Veremos, por exemplo, que, no caso de uma modalidade mais melancólica, a descarga de afeto se produz em forma de efusão de lágrimas, soluços, suspiros; em uma mais paranoide, poderemos observar alguém que profere queixas, eleva a voz, ruboriza, manifesta irritação, alude a uma injustiça.

Mas quando aquilo do que se carece é de uma importância tal que implica o risco de submeter o eu à ofensa de perder sua ilusória integridade narcísica, nos encontramos frente a uma necessidade superlativa de levar estes conteúdos para o inconsciente. Nesses casos, a possibilidade de ligação com representações palavra se faz mínima ou nula, e o processo de descarga indubitavelmente envolve o corpo. Vamos nos encontrar com alguém que perdeu sua compostura, encontra-se fora de si. Tanto poderia ocorrer que – sem controle – proceda a uma passagem ao ato, como que o vejamos ruborizado pela fúria, pálido de ira ou afogado em uma mistura confusa de sensações.

Chiozza *et al.* (1993 [1992]/2008) propõem que enquanto avesso do pulsional e como estado do corpo, a paixão expressa a reativação de experiências primordiais nas que as causas de desejo e angústia estão marcadas pela avidéz dos primeiros laços. Desse modo,

o ser atormentado pelo vazio se consome na destrutividade... a falta é experimentada como humilhação narcísica, e se tenta anular a perda [...] [com] um laço fusional, ainda que se fuja dele ou que se o ataque cada vez que intervém a angústia persecutória. Então o amor se sustenta na rivalidade ciumentada, tenta se fixar no ideal, mas finalmente, só se sustenta no ódio. Consequentemente, se a alteridade é insuportável e a confusão perigosa, o outro só pode ser alcançado na violência. No limite, o desconhecimento das fontes incestuosas ou agressivas de uma paixão pode assim se transformar em uma certeza na qual a prova se relaciona com o fato de que alguém deve ser sacrificado. (Kaufman 1993/1996, pp. 392-393)

A análise, ao permitir a ligação destes afetos primários com representações palavra, procura facilitar ao sujeito seu desapego em relação a objetos (mal) entendidos como indispensáveis e abrir uma via para desdobrar novos cursos libidinais que se apartem da repetição tanática.

Em *A questão da análise leiga*, Freud (1926/1990a) propõe que

decidir quando é mais adequado controlar suas paixões e curvar-se ante a realidade, ou tomar o partido delas e opor-se ao mundo exterior, constitui a essência da sabedoria de viver.³ (p. 188)

3. N. do T.: Tradução de P.C. de Souza. A tradução corresponde a p. 118 de Freud, S. (2014). *Sigmund Freud - Obras completas, Vol. 17: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).

No final de sua vida, ao considerar o propósito terapêutico, indica:

quer resulte na aceitação por parte do ego, após novo exame, de uma exigência instintiva que até então rejeitara, quer a rejeite de novo, desta vez definitivamente. Em qualquer desses casos, um perigo permanente foi liquidado, o âmbito do ego foi ampliado e um dispêndio inútil de energia tornou-se desnecessário. A superação das resistências é a parte de nosso trabalho que exige mais tempo e maior esforço. Ela vale a pena, contudo, pois ocasiona uma alteração vantajosa do ego, a qual será mantida independentemente do resultado da transferência e se manterá firme na vida.⁴ (Freud, 1940 [1938]/1990b, p. 179)

Os ciúmes

Freud (1922 [1921]/1990d) expõe os ciúmes como um estado afetivo infalível na vida humana, a tal ponto que, o não serem manifestados seria sinal inequívoco de sua repressão.

Nos casos nos quais se apresentam com uma intensidade marcante, os qualifica com 1) de concorrência ou normais, 2) projetados e 3) delirantes. A primeira subclasse se manifesta essencialmente na forma de um luto pelo objeto que se acredita perdido, como afronta narcísica e hostilidade para com o rival. Existe também um grau variável de autocrítica.

Os ciúmes projetados provêm da infidelidade, real ou fantasiada, e os ciúmes delirantes também provêm de anseios reprimidos de infidelidade, mas seus objetos são pessoas do mesmo sexo e a situação se encontra tingida com um matiz paranoide. Em um casal heterossexual, se formularia: “Não sou eu quem o ama. Ela o ama”.

Vale destacar que neste trabalho, na parte que versa sobre a homossexualidade, Freud propõe que por repressão da hostilidade e pela influência da educação, muitas vezes os ciúmes, que originariamente se dirigem aos irmãos ou outras pessoas significativas para os progenitores e do mesmo sexo que o sujeito, influem para que esse possa orientar seu interesse erótico para estes rivais.

Por sua parte, Klein (1957/1990b) distingue entre a inveja, os ciúmes e a voracidade, explicando que a inveja se relaciona com a ira e a dor por aquela pessoa que possui ou goza de algo desejável, o que gera o impulso de roubá-lo ou danificá-lo. Esse sentimento se refere à relação com uma única pessoa e remonta ao vínculo precoce com a mãe, com seus traços de exclusividade satisfatórios ou frustrados.

Os ciúmes, ao contrário, ainda que tenham como matriz a inveja, se constroem sobre uma relação com duas pessoas pelo menos, e o sujeito sente que um rival lhe roubou o amor que lhe era devido (ou lhe faz

4. N.T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde a p. 115 de Freud, S. (1996). *Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940 [1938]). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-23-1937-1939.pdf>

sentir esse risco). Na concepção corrente, se descreve o clássico triângulo, no qual uma pessoa se sente privada da atenção ou da segurança da presença de seu objeto por interferência de um terceiro.

A voracidade, por sua parte, é o desejo insaciável e impetuoso que ultrapassa o que o sujeito necessita e o que o objeto é capaz e está disposto a dar. Pode se dizer que a voracidade tenta esvaziar; a inveja, destruir; e os ciúmes, monopolizar.

Para fechar este ponto, poderíamos acrescentar que Klein (1937/1990a) destaca que quem consegue transcender o ódio, os ciúmes e o ressentimento próprio das insatisfações no vínculo com a própria mãe desfruta de felicidade, conserta os agravos reais ou fantasiosos e pode desfrutar do amor e da amizade.

Ao contrário, os sentimentos possessivos e a querela reivindicatória pulverizam estas conquistas. De tal forma, sentimentos de intensidade maior, conflitos infantis não resolvidos de rancor, voracidade ou ciúmes impedem de desfrutar da amizade e do amor.

A expectativa desmensurada em relação ao amor e a atenção que o objeto poderia proporcionar resultam em uma renovada fonte de frustração, ressentimento e dor. Uma vez que estas expectativas costumam ser inconscientes, não podem ser manejadas de forma racional e expõem a sentimentos de insatisfação e solidão.

A paixão segundo Lacan

No seminário *Mais, ainda*, Lacan (1972-1973/1981) faz referência às paixões como uma zona de experiência subjetiva, analítica.

É mesmo por isso que as duas outras paixões são as que se chamam amor – que nada têm a ver, contrariamente ao que a filosofia elucubrou, com o saber – e o ódio, que é mesmo o que mais se aproxima do ser, que eu chamo de ex-sistir. Nada concentra mais ódio do que esse dizer onde se situa a existência.⁵ (p. 147)

Lacan não propõe uma teoria geral dos afetos, só os aborda enquanto incidem na cura psicanalítica. Para esse autor, o afeto significa que o sujeito se encontra afetado por sua relação com o Outro. Sustenta que os afetos não são significantes e, retomando o ensinamento freudiano, menciona que a repressão não cai sobre o afeto, que é deslocado ou transformado, mas sim sobre o representante ideacional que em termos de Lacan é o significante.

A abordagem dos afetos tem consequências na direção da cura enquanto, por exemplo, a transferência pode ser pensada em termos de estrutura simbólica. Mesmo assim, os afetos poderiam funcionar como iscas, e é preferível que o analista esteja prevenido quanto a

5. N. do T.: Tradução de M. D. Magno. A tradução corresponde a p. 164 de Lacan, J. (1985) *O seminário, Livro 20: mais ainda. 1972-1973*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).

poder “cair” nelas. Isso não implica que o analista se omita dos afetos, mas que deveria ser cauteloso quanto a sua magnitude.

Lacan diferencia o afeto da emoção. O afeto é a força que empurra em direção à paixão. Apoiado na tradição filosófica, expõe que as paixões são então as paixões do ser: amor, ódio e indiferença, relativas ao vínculo com o Outro, à “falta em ser” que insiste em achar no Outro aquilo que acalme e satisfaça as paixões da alma e as do objeto *a*, como a tristeza e a mania.

A entrada no universo simbólico implica a perda radical do objeto, que fica rejeitado no tempo mítico no qual o *infans* é submergido no banho de linguagem. Em suas primeiras teorizações sobre o Estádio do espelho, Lacan menciona que o “filhote” humano está excitado pela visão de sua imagem no espelho, carente de recursos para reconhecer a imagem como tal. Sustentado por Outro, a criança se identifica com essa imagem como se se tratasse dela mesma.

A conquista de unir o que estava separado passa pelo descentramento que produz o simbólico. O efeito da linguagem sobre o corpo é o verdadeiramente traumático que marca e afeta de forma única e singular a cada sujeito, orientando a modalidade de seu gozo.

O corpo como imagem é o lugar dos afetos, das emoções e das identificações imaginárias. A partir da perspectiva de Lacan (1946/2008), “o homem é muito mais que seu corpo, ao mesmo tempo que nada mais pode saber muito sobre seu ser [...] dessa paixão de ser um homem [...] é a paixão da alma por excelência: o *narcisismo*, que impõe sua estrutura a todos os seus desejos, mesmo os mais elevados” (p. 185).⁶

Posteriormente, Lacan desloca o afeto à paixão. Já não fala do sujeito do inconsciente como as paixões do ser, mas do *parlêtre*, a relação do mesmo com seu corpo. Sua teoria dos afetos ficará situada ali onde exista um corpo que é afetado, perturbado em sua estrutura pela linguagem.

Este giro nos permite entender a paixão em relação com o Outro como um gozo que vem a perturbar todo o equilíbrio possível, um gozo fora de uma representação, fora do dizer bem, algo exterior à palavra, com o qual o sujeito não consegue entrar em sintonia. É aí, então, onde é impossível nomear aquilo que fica êxtimo, preso em um gozo que não permite o bem dizer entre o significante e o desejo.

A história de Zafira

Zafira chega à análise aos 35 anos. Menciona que necessita ajuda por suas repetidas discussões com Ana, sua companheira há três anos. Nessas oportunidades, sobram os gritos descontrolados, e Zafira sente que afunda no desespero.

6. N. do T.: Tradução de V. Ribeiro. A tradução corresponde a p. 189 de Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).

Elas se conheceram em um bar gay do centro da cidade onde mora há quatro anos. Em suas palavras, a princípio se tratava apenas “de uma questão de tesão, pura química”. Comenta que só de vê-la ou o contato de um beijo acendia sua excitação.

Zafí (como a chamam) é executiva de finanças em uma empresa, motivo pelo qual viaja constantemente. Ana, por sua vez, é artista plástica. A relação foi se tornando cada vez “mais indispensável”, até “me sentir em queda livre se Ana não está”.

Foram morar juntas no loft de Zafí, perto do ateliê de Ana. Os primeiros meses de convivência evidenciaram as dificuldades para conciliar sua vida em comum. Além disso, era a primeira vez que Zafí morava com uma companheira. Comenta:

Era muito complicado harmonizar seus horários e os meus, ela trabalhava em seu ateliê do final da tarde até tarde da noite, porque dizia que era seu melhor tempo de inspiração, mas eu tenho que dormir em uma hora razoável para estar lúcida no dia seguinte e trabalhar.

Depois de um ano de convivência, em uma noite que Zafí estava sozinha em sua casa, depois de jantar decidiu ir encontrar Ana em seu ateliê para compartilhar um pouco mais de tempo com ela. Caminhou com certa inquietação as quadras que as separavam.

A noite estava densa, a umidade sufocante do pleno verão dificultava até a respiração. Quando finalmente chegou ao portão, o encontrou aberto e entrou diretamente. E, à porta, a recebeu uma jovenzinha seminua, com um lençol ao redor de seu corpo.

Zafí relata que sentiu que desmaiava pelo calor e que seus olhos se transformavam em brasas. Lembra apenas de seus gritos, de entrar no lugar jogando pelo ar o que encontrava pela frente. Foi inútil que Ana tentasse lhe explicar que a jovem era sua modelo. Sua roupa jogada pelo chão, duas taças de vinho pela metade, o cheiro de maconha, fizeram Zafí pensar na traição. “A horrível traição”, como ela chamava.

O resto, segundo suas palavras, foi uma sequência de gritos tumultuados, cenas de loucura, uma tentativa de suicídio com comprimidos. A dor lhe resultava insuportável, e “sua alma explodia em pedaços”. Era uma sensação estranha, louca, ambivalente. Por uma parte, a confiança estava quebrada, mas por outro lado era impensável não sentir mais seu cheiro e seu calor. Os encontros sexuais se tornaram frenéticos, recorreu ao álcool, maconha, comprimidos para dormir e para acordar. A vida se transformou para ela em uma “montanha russa de sensações insuportáveis”.

A imagem e os sons que vinham à cabeça da analista nas primeiras entrevistas e em posteriores relatos de Zafí, eram os da ópera *Carmen*, de Georges Bizet.

Zafí era a redução de Zafira. Sua mãe, uma crítica de arte e literatura, perfeccionista e com obsessão pela beleza, tinha escolhido seu

nome porque quando lhe trouxeram a pequena, viu que seus olhos eram azuis como a safira.

Com o passar do tempo, quando seus olhos foram escurecendo, sua mãe não se preocupou em ocultar sua decepção. Essa foi a primeira de uma longa cadeia de decepções que a menina lhe despertaria e que ela mesma se encarregaria de comunicar-lhe.

Zafí tinha nascido como fruto de uma relação casual em uma viagem. Sua mãe tinha ido a Roma para fazer uma conferência. Sempre dedicada a sua profissão, já com 38 anos, só tinha estabelecido relações passageiras com diferentes homens, mas sem que nenhum tipo de compromisso a prendesse porque ela, “acima de todas as coisas, privilegiava sua liberdade”.

Desde que Zafí podia lembrar, sua mãe lhe contava todas essas histórias, até as mais íntimas e pessoais, como se a menina fosse uma amiga mais. Também lhe contou que apenas registrava quem tinha sido seu pai. No entanto, quando soube da gravidez decidiu levá-la adiante porque que queria que esta menina, em palavras de Zafí, “fosse sua”. E Zafí cresceu sem ter notícias de seu pai.

Relata Zafí que desde pequena ficou claro que em nada se parecia a sua mãe. Rechonchuda, de cabelo castanho e crespo, pouco apreciadora da música e das artes, muito inclinada aos esportes brutos, às ciências exatas, à informática. Sua mãe, que tinha sonhado com uma filha que fosse seu êmulo, finalmente a deixou em seu colégio interno na Europa. Ali transcorreu parte de seu ensino fundamental e todo o ensino médio.

Em cada encontro com sua mãe, tentava se aproximar dela, “mendigando seu amor”, mas só encontrava uma mãe hipercrítica com sua pequena rechonchuda, sem graça e algo masculina. Uma mãe que respondia a seus pedidos de amor com indiferença, e a suas perguntas sobre o pai com irritação: “Não sei onde está – dizia sua mãe –. Eu sou sua única família. Para que o necessita, se sou eu quem lhe deu tudo na vida?”

Zafí foi sempre uma aluna brilhante. Continuou seus estudos de finanças no mesmo país onde tinha sido escolarizada e sempre se destacou pelo intelecto. Também se conscientizou muito cedo de sua atração pelas meninas. O internato era apenas de mulheres. Com doze anos, começou com jogos eróticos com sua colega de quarto. Assumia sempre um papel dominante, e sempre era ciumenta em suas relações.

Se saíam nos finais de semana ou nas férias, não chamava a atenção dos meninos. Seu ar sem preconceitos, seu look masculino, cabelo curto com gel, camisas largas que dissimulavam seus seios, jeans e mocassins faziam com que se sentisse bem, segundo relata. Ainda na atualidade sua forma de vestir é muito masculina.

Na universidade, suas relações se tornaram mais promíscuas, e também acrescentou um importante consumo de álcool, comprimidos e maconha. No entanto, seu rendimento acadêmico foi excelente. Ao se formar, voltou a seu país de nascimento, alentada por uma importante oferta de trabalho que lhe permitiu um grande crescimento profissional.

Além do aspecto profissional, até que conheceu Ana, só tinha podido manter relações “passageiras”.

Em seu vínculo com sua mãe o desencontro se aprofundou. Ela nunca reconheceu seus méritos acadêmicos. Inclusive, por ocasião de uma briga, a atacou dizendo que a considerava “uma burguesa rechonchuda, grosseira, amante do dinheiro e sem nenhuma sensibilidade para a beleza”.

Poucos anos mais tarde, sua mãe apresentou problemas crescentes na fala, na memória e na locomoção. Foi diagnosticada com demência. Zafi se encarregou dela, mas rapidamente foi necessário encontrar uma instituição para que passasse seus dias. Atualmente ela a visita, mas a mãe apenas a reconhece.

A dor de Zafi toca fundo em seu corpo. Sente dores no peito, a garganta se fecha..., uma permanente angústia a persegue.

Primeiras entrevistas

A analista recebe a Zafi. Encontra-se com uma jovem mulher, totalmente devastada.

Paciente: Na verdade..., venho vê-la porque não posso mais com minha vida. Se estou com Ana os ciúmes me consomem, não me reconheço. Comporto-me de uma forma que me assusta. Sempre fui um pouco possessiva com minhas companheiras, mas isto que estou vivendo agora não me aconteceu jamais. Só tenho registro de ter perdido o controle assim em algumas brigas com minha mãe. Especialmente quando ela me fazia ver que estava insatisfeita comigo. Lembro uma vez em que Ana veio tarde para casa, eu tinha tido um dia difícil e tinha tomado vários energizantes. De noite fumei maconha e bebi um pouco demais para tentar baixar minha aceleração, e quando Ana chegou me repreendeu pelo estado em que me encontrou. Disse que eu estava fazendo todo o possível para afastá-la de mim. Entrei em desespero. Essas palavras rebentaram contra minha cabeça. Sinto que estou em queda livre. [Silêncio prolongado. Chora].

Analista: Você quer encontrar um lugar para ser escutada, onde sua história seja entendida. Um lugar onde não volte a sentir rejeição.

P.: Para mim é muito importante encontrar alguém que me aceite como sou. [Zafira relata que em geral se sentiu incompreendida e rejeitada. Exemplifica com histórias que fazem alusão a cenas de desencontro, afrontas e dor].

A.: Você se sentiu tanto em queda livre, e sofreu tanto medo e dor, que talvez hoje esteja aqui para começar a se liberar de outras quedas dolorosas.

Um ano depois

P.: [Entra abatida e desmorona no divã]. Hoje foi um dia de cão. Há coisas que não tolero. Minha assistente me tirou do sério. Desde quando supõe que pode tomar decisões sem me consultar, por mais analista *sênior* que seja?

[A analista lembra que na sessão anterior tinha proposto um reajuste de honorários, mas mantém essa ocorrência sem ser enunciada].

Ainda por cima, com Ana a tensão é insuportável, quase não nos falamos, ou diretamente nos “latimos”. O problema é que não nos aguentamos, mas penso em estar sem ela, e parece que morro. As vezes tenho medo de ficar como minha velha. Ainda por cima... quem vai se encarregar de mim? Porque ela tem sorte de que eu me encarrego, corro daqui para lá, pago por tudo. E depois de tudo o que me desprezou porque me dediquei às finanças! E agora a “senhora” tem um lugar de primeira em uma instituição graças à “burguesa rechonchuda”.

A.: Você me conta diferentes situações. A briga com sua assistente, a situação tensa com Ana, o mal-estar que lhe gera ter que se encarregar de sua mãe depois de tantos desencontros. Todas essas situações têm um fio condutor.

Fazem com que você se sinta como um cachorro latindo sozinho, sem ser escutada, nem atendida, nem valorizada. Isso me faz pensar que se encontra incômoda não só com a analista *sênior* de sua empresa, mas também com esta analista, que atualiza os honorários.

P.: [Silêncio profundo. Suspira]. Sim, algo disto acontece comigo. E além de todos esses perrengues, minha analista me encara e quer que “atualizemos honorários” [em tom de troça]. Além de tudo, encontro uma analista cara!

A.: [Com tom afetuoso] Eu atualizo honorários, você atualiza o livro de queixas.

P.: [Ri de forma estrondosa]. Sim, já sei que vivo me queixando. Custa muito para mim sair daí. Mas, olha, gostaria de ter uma boa relação com Ana, e os ciúmes me consomem. Minha mãe... o que posso dizer...? Tenho que cuidar dela, apesar de ela não ter me cuidado. No trabalho, não entendo por que, tenho a posição que queria, mas também não estou contente.

A.: Viu que você riu ao falar sobre as queixas, mas depois volta sobre o assunto. Fala-me de Ana, de sua mãe, que não foi a mãe que você sonhava, mas foi uma mãe... Não menciona que, ainda que tenha sido de modo insatisfatório para você, ela, como pôde, se encarregou. E em muitos âmbitos de sua vida ocorre que você percebe muito mais rápido o que falta do que o que há.

P.: Agora que você diz isso, lembro que na noite de ontem Ana voltou cedo de seu ateliê, preparou o jantar e me esperou. Pudemos jantar tranquilas, fazer uma linda sobremesa, fizemos amor e dormimos abraçadas, mas de manhã, não pude me conter e fiz um escândalo porque ela ia a um *vernissage* à noite e eu não podia acompanhá-la.

A.: “O burro sempre empaca perto do trigo”.

P.: [Zafi ri novamente. Fica em silêncio]. Não sei porque sempre termino estragando tudo. Estávamos bem e ficamos chateadas.

A.: É que parece que você custa para aceitar que Ana é outra pessoa, com uma vida própria. E estraga sua alegria de se encontrarem porque você busca que ela esteja disponível cem por cento para você.

P.: É assim. Para mim não custa ficar no escritório, atrasar-me por causa de uma reunião com um cliente, até ir a uma festa corporativa, mas detesto que ela fique tão contente em seu ateliê e me deixe esperando. Ela deveria reconhecer que o que ocorre comigo é por ser parte de meu trabalho, e termina sendo a maior porcentagem de nossa renda.

A.: Você fica muito irritada porque estas situações lembram a dor que sentia com sua mãe, porque ela não estava completamente disponível. E agora com Ana ocorre o mesmo.

P.: [Silêncio, chora]. Não é uma questão de dinheiro. É meu problema de sempre. Sinto que não me reconhecem. Sinto que ela não valoriza que eu me mate trabalhando para que possamos viajar, ter uma casa linda e parece que não lhe importa.

A.: De qual Ana está me falando? A que lhe faz massagens? A que lhe espera com o jantar? Você diz que não é uma questão de dinheiro, mas tudo o que você diz sobre o reconhecimento faz alusão a coisas materiais...

P.: Está certo, mas é como um paradoxo, eu sinto que para que me reconheçam dou o que posso, coisas materiais. E, por outro lado, quando percebo que somente me reconhecem pelo dinheiro me sinto péssima. E é certo que Ana tem gestos carinhosos comigo, que eu às vezes não os percebo. Ela tenta me dar amor, e eu não sei como amar dessa forma.

Um sonho, um ano mais tarde

Um ano mais tarde, depois de relatar que visitou sua mãe na residência e a encontrou muito pior, Zafi relata um sonho:

P.: Esta noite tive um sonho e acordei muito angustiada. Lembro muito vividamente. Eu era criança, estava com uma mala e mamãe me acompanhava. Ia viajar ao interno na Europa. Vinha de um lugar com luz, mas entrava em um corredor muito escuro. Era como o tubo de embarque, mas sem iluminação. Olhava para trás, procurando mamãe, mas ela não estava. Chorei, a chamava. Uma aeromoça com lenço azul e branco de seda me explica que nesta viagem seria ela quem iria me acompanhar. Eu viajava sozinha em uma poltrona dupla, assim que podia me deitar, e a aeromoça me colocava um travesseiro e uma manta.

De repente, estou no internato, mas sou maior. Estou correndo atrás da sombra de um homem, mas não posso alcançá-lo. E acordei empapada em suor, muito angustiada.

A.: Você acordou angustiada. Com que associa esse sonho?

P.: Ontem fui ver minha mãe, estava em uma cadeira de rodas olhando para o nada, fui embora com uma tristeza terrível. Agora que lhe conto isto percebo que esse olhar perdido dela me lembra quão perdida eu estava quando ia ao internato.

A.: E esta aeromoça com lenço de seda?

P.: Agora vejo! Você tinha um lenço de seda que me chamou a atenção porque minha mãe os usava assim.

A.: E o homem a quem você não pode alcançar?

P.: Uma coisa que acabava comigo era que, quando começavam as férias, os pais buscavam minhas colegas. O casal. E a mim, às vezes nem ao menos vinha mamãe, e até houve um par de vezes que enviou sua secretária. Que louco isso! Não tinha falado nem compartilhado isso com ninguém!

A.: Com base no que você traz, aparece que a pouca disponibilidade que sua mãe tinha e a falta de um pai lhe trouxeram uma grande dor, mas também aparece outra pessoa que pode conter e acompanhar.

Outro sonho

P.: Sonhei que estávamos na cama com Ana, e eu queria ter relações, mas de repente percebo que sou pequena como uma boneca. Pulo entre seus seios e começo a me deslizar para sua vagina como em um escorregador. Depois me vejo em um trio com Ana e com minha mãe, mas jovem. Não sei como, ficamos Ana e eu tendo relações, sozinhas, em uma praia. Acordei muito excitada e acordei Ana. Tivemos relações, genial.

A.: Com o que você associa esse sonho?

P.: À noite estávamos assistimos a *Fale com ela*, de Almodóvar. Há uma cena na qual um homenzinho mergulha em uma vagina. O que me pirou foi o trio com mamãe e com Ana... O que foi isso?!

A.: Acontece que uma vez você esteve dentro de sua mãe, mas nasceu, e, a partir daí, não pode voltar a entrar nela. Para não sentir a rejeição, no sonho, você atribuiu a Ana seu desejo infantil de voltar a entrar em sua mãe, mas seu vínculo sexual e amoroso é com Ana.

P.: O que me vem à cabeça é que, quando era pequena, mamãe costumava preparar tudo para suas viagens dentro de seu quarto. Obviamente, não me avisava, mas eu percebia. Eu ficava desesperada, queria abraçá-la, pedia que ficasse. Lembro que ela ficava incomodada, me afastava, me dizia que tinha suas obrigações e que eu tinha que entendê-la. Lembro de mim sentada, triste. Sempre tinha vontade de abraçá-la e não podia.

Dois anos mais tarde

A conflitualidade entre Zafi e Ana foi diminuindo.

Zafí pôde paulatinamente deixar para trás seu ressentimento em relação a sua mãe. Já quase não se queixa da mãe da infância, mas cuida da mãe anciã que se encontra sob sua responsabilidade.

P.: É triste, mas vou aceitando. Vejo mamãe se apagando e... por sorte, com Ana crescemos como casal, e ela me apoia para superar tudo isso. É muito duro, mas sinto que ela me sustenta. [silêncio]

Na semana passada, não lhe contei, Ana expôs em uma galeria. Para ela foi um momento muito importante de sua carreira, estava muito emocionada. Eu, na verdade, sinto que agora posso compartilhar suas conquistas. Lembro que não muito tempo atrás, nessas situações, eu gritava com ela por qualquer coisa e arruinava a noite com algum rompante de ciúmes. Agora, ao contrário, temos a festa em paz.

Depois terminamos a noite em um desses porões boêmios assistindo a um espetáculo de jazz, e aposto que não sabe o que aconteceu?

A.: Suponho que você vai me dizer.

P.: [Ri] Nem imagina...! Percebi que me encantaria aprender a tocar saxofone. [Levanta seu olhar com prazer e faz um gesto abrindo as mãos]. É um instrumento forte, potente, sensual..., e o jazz me apaixona.

A.: Que valioso isso que está acontecendo... Você me conta que pode suportar os momentos dolorosos porque se sustenta no amor genuíno. Pode acompanhar sua companheira sem esperar ocupar somente você seu foco de atenção. E, finalmente, me traz que, ao invés de descarregar sua paixão como ciúmes exacerbados, pode canalizá-la na música, que é sentimento e criação.

Conclusões

No caso apresentado podemos descrever a dinâmica dos ciúmes em um modo marcado com a metáfora de “os olhos como brasas”. Esse olhar ardente, dirigido ao objeto denota que ultrapassou o zelo amoroso de cuidado do objeto, para cair em um controle ciumento, mais vinculado à ferida narcísica de sentir que se perdeu a importância e o protagonismo para um objeto, sem cujo olhar o sujeito sente que fica dissolvido no nada (Chiozza, 2008).

Entendemos essa situação passional de zelotipia como uma manifestação fundada nas vicissitudes da elaboração do Édipo feminino e do “estrago” materno. A dificuldade com a qual se desenvolveu o vínculo mãe-filha está tingida também pela ausência de uma figura paterna que teria podido fazer um corte ao gozo enlouquecedor materno.

O reconhecimento e elaboração da diferença *eu/não-eu*, da diferença geracional e da diferença sexual manifestariam uma adequada elaboração narcísica, que nesta jovem se viu dificultada fundamentalmente pelo narcisismo de uma mãe que não reconhece a singularidade de sua filha, como se percebe quando menospreza os traços que a diferenciam da jovem. Também não reconhece as diferenças etárias, ao usar sua filha (como se fosse uma adulta) como receptáculo de seus quase evacuativos relatos. Essa mãe, que assim demanda ser escutada, paradoxalmente não dá ouvidos quando a pequena lhe fala de suas preocupações e pedidos. Poderíamos fantasiar como lema materno algo como: “Você é minha, mas lhe deixo no vazio. E não reclame, porque arraso você”.

Deste modo, o vínculo de Zafira com outra mulher aparece como tributário de sua busca por um objeto que substitua o objeto materno frustrante. E, ao estar esta busca tingida da urgência intensa do vínculo infantil, é que novamente se encontra propensa ao fracasso.

No processo de imaginarização do corpo há algo da imagem narcísica que não chega a se constituir ou que fica instável. A identidade imaginária, estabelecida a partir do reflexo da imagem do corpo no espelho, inclui uma primeira identificação com um órgão sexual, mas essa se encontra assinada pelo reconhecimento e pela valorização do Outro, e pode não corresponder com o órgão anatômico.

Aos olhos de uma mãe, que nega para si a castração, Zafira fica como depositária da mesma. A ausência do pai, que teria podido seduzi-la e libidinalizá-la, a deixa vulnerável e exposta. Sua aparência é masculina, mas sua posição subjetiva é feminina.

No processo do Édipo feminino, a menina desiludida com sua mãe volta seu olhar para o pai à espera desse dom, que, em termos freudianos, corresponde à equação *pênis-criança*. A espera apresenta duas dimensões: a primeira, em relação com a mãe no que concerne a ser mulher e a outra, em relação com a figura paterna em si mesma.

O significante da feminilidade está inadequadamente inscrito em sua estrutura, motivo pelo qual a menina tenta adquirir-lo pela via da identificação viril. O significante paterno vacilante ou frustrado ar-rasa com a possibilidade de estabelecer essa dimensão de espera, por isso a menina, retornando à mãe com uma pergunta radical por seu ser, neste caso não encontra uma resposta amorosa, devido a que sua própria mãe transitou sem sucesso sua elaboração edípica.

A tendência à repetição de atuações (consumo de substâncias, brigas, descontrole) se vincularia à ilusória tentativa de negar a dor da castração (ser pouco, não ser valorizada, carecer de importância). Se com as substâncias tenta anestesiar sua dor, por outro lado, a briga tenta trazer à cena um protagonismo mal conquistado, que ainda a deixa em maus termos com seu superego e que configura um castigo mais além do princípio do prazer.

Através do processo terapêutico aquilo que se apresentava como transbordamento passional, fora de toda a representação e do bem dizer, vai se ligando com as representações palavra. Vai se elaborando com minúcia uma trama representacional que permite canalizar a pulsionalidade saindo da repetição tanática, conseguindo um enriquecimento em sua manifestação afetiva e uma saída sublimatória através da arte.

Resumo

No presente trabalho são apresentadas reflexões sobre a dinâmica dos ciúmes como paixão, sua apresentação clínica e a abordagem terapêutica.

Para desenvolver esta conceitualização foram revisadas ideias de autores fundamentais da literatura psicanalítica, tais como Freud, Klein e Lacan.

Procurou-se tornar evidente o padecimento implicado na situação passional e as complexidades que isso implica no campo das transferências recíprocas, apresentando de maneira ilustrativa uma vinheta clínica de uma jovem paciente homossexual, descrevendo os avatares da relação amorosa com sua companheira.

Palavras-chave: *Ciúmes, Homossexualidade feminina, Complexo de Édipo, Narcisismo, Paixão.*

Abstract

In this work some reflections about the dynamics of jealousy as a passion, its clinical presentation and its therapeutic approach are presented.

In order to develop this conceptualization, ideas of fundamental authors of psychoanalytic literature, such as Freud, Klein and Lacan have been reviewed.

The suffering implied in the passionate situation and the complexities that it implies in the field of reciprocal transferences, are illustrated with a small clinical vignette about a young homosexual woman, describing vicissitudes of the love relationship with her partner.

Keywords: *Jealousy, Feminine homosexuality, Oedipus complex, Narcissism, Passion.*

Refêrencias

- Batla, E. et al. (2003). *Un estrago: La relación madre-hija*. Buenos Aires: Vigencia.
- Chiozza, L. (2008). Los celos. Em L. Chiozza, *¿Por qué nos equivocamos? Lo mal-pensado que emocionalmente nos conforma* (vol. 17). Buenos Aires: Libros del Zorzal.
- Chiozza, L. et al. (2008). Una introducción al estudio de las claves de invención de los afectos. Em L. Chiozza, *Obras completas* (vol. 6). Buenos Aires: Libros del Zorzal. (Trabalho original publicado em 1993 [1992]).
- Ferrater Mora, J. (1965). *Diccionario de filosofía*. Buenos Aires: Sudamericana. (Trabalho original publicado em 1941).
- Freud, S. (1990a). ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Em J L. Etcheverry, *Obras completas* (vol. 20). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (1990b). Esquema del psicoanálisis. Em J L. Etcheverry, *Obras completas* (vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1940 [1938]).
- Freud, S. (1990c). Pulsiones y destinos de pulsión. Em J L. Etcheverry, *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1990d). Sobre algunos mecanismos neuróticos en los celos, la paranoia y la homosexualidad. Em J L. Etcheverry, *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1922 [1921]).
- Kaufmann, P. (1996). *Elementos para una enciclopedia del psicoanálisis: El aporte freudiano*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1993).
- Klein, M. (1990a). Amor, culpa y reparación. Em M. Klein, *Obras completas* (vol. 1). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1937).
- Klein, M. (1990b). Envidia y gratitud. Em M. Klein, *Obras completas* (vol. 4). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1957).
- Lacan, J. (1981) *El seminario de Jacques Lacan, libro 20: Aún*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (1988). *El seminario de Jacques Lacan, libro 7: La ética del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1959).
- Lacan, J. (2008). Acerca de la causalidad psíquica. Em J. Lacan, *Escritos 1*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1946).
- Miller, J. A. (1988). A propósito de los afectos en la experiencia analítica. Em J. A. Miller, *Matemas 2*. Buenos Aires: Manantial.